

EQUIVALÊNCIA CONTEXTUAL NA TRADUÇÃO ENTRE CHINÊS E PORTUGUÊS – ANÁLISE DE ALGUNS CASOS CONCRETOS

CONTEXTUAL EQUIVALENCE IN TRANSLATION BETWEEN CHINESE AND PORTUGUESE – ANALYSIS OF SOME CONCRETE CASES

Wang Suoying*
wangsuoying@ua.pt

Lu Yanbin**
luyanbinpt@gmail.com

Este trabalho visa explicar a importância do valor contextual na tradução entre chinês e português, através da análise de casos verificados na prática de docência e tradução.

Palavras-chave: Tradução. Chinês. Português. Equivalência. Equivalência Contextual. Cultura na Tradução.

This work aims to explain the importance of context in the translation between Chinese and Portuguese, through the analysis of cases found in teaching and translating.

Keywords: Translation. Chinese. Portuguese. Equivalence. Contextual Equivalence. Culture in Translation.

•

1. Introdução

Apresentamos este trabalho, como docentes de ensino de chinês e português e/ou de tradução entre chinês e português, para salientar a importância do valor contextual na tradução, sendo que a nossa mensagem se destina particularmente aos docentes e aos aspirantes à carreira de tradutor das duas línguas em questão.

Muitos estudiosos abordaram a definição de tradução, dos quais, um dos nomes mais citados deverá ser Eugene Nida. Traduzir, para Nida e o seu colega Taber (1969, p. 12), “consists in reproducing in the receptor language the closest natural equivalent of the

* Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal; Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5640-8932>.

** Departamento de Estudos Portugueses, Instituto Xinhua, Universidade Sun Yat-sen, Cantão, China.

source-language message...” e, no nosso entender, a tradução entre duas línguas significa passar mensagens equivalentes, da língua de partida para a língua de chegada.

Essa equivalência na tradução pode ser analisada em vários níveis, sobretudo a nível semântico, “first in terms of meaning”, usando as palavras de Nida e Taber (1969, p. 12), pois, no nosso caso específico, os aprendentes de língua chinesa ou de língua portuguesa, ao fazerem a sua tradução de chinês para português ou vice-versa, costumam traduzir diretamente o significado das palavras que formam uma frase. Em outros termos, tentam apresentar, logo à primeira vista, uma equivalência formal, meramente a nível semântico, ou melhor, fazem uma tradução literal, traduzindo até palavra por palavra.

Nida e Taber (1969) apresentaram conceitos de *correspondência formal e equivalência dinâmica*. De acordo com eles, a consistência contextual tem prioridade sobre a consistência verbal (ou concordância palavra por palavra) e a equivalência dinâmica tem prioridade sobre a correspondência formal. Uma tradução com correspondência formal, conhecida também por *equivalência formal*, significa que as características da forma do texto-fonte são reproduzidas mecanicamente na língua recetora, pelo que distorce os padrões gramaticais e estilísticos da língua do recetor, distorcendo também a mensagem. É oposta à *equivalência dinâmica*, que se refere a uma tradução em que a mensagem do texto de partida é de tal maneira transportada para a língua recetora que a resposta do recetor é essencialmente igual à dos recetores originais; frequentemente a forma do texto de partida é alterada, mas a mensagem é preservada e a tradução é fiel. A expressão *equivalência dinâmica* é alterada mais tarde para *equivalência funcional* (Waard & Nida 1986), pois valoriza a função comunicativa da língua.

Por isso, devido à complexidade da matéria, a equivalência meramente a nível semântico, ou a equivalência formal, nem sempre exprime a ideia original, pois em muitos casos pesa muito mais o contexto. Ou seja, o contexto em que é produzida a frase desempenha, frequentemente, um papel decisivo na escolha de palavras equivalentes no âmbito da sua tradução para uma outra língua.

Conforme Menéndez, referenciada por Pontes e Francis (2014, p. 233), é proposto o estudo do conceito de equivalência ou o equivalente de tradução “a partir de um olhar histórico que se inicia na década de 1960, no auge dos enfoques linguísticos, e culmina no século XXI, com a ascensão dos enfoques filosófico-hermenêuticos. Nesse contexto, os sentidos de equivalência se multiplicam, adquirindo matizes conceituais e valores diferentes”.

Tal como foi mencionado anteriormente, este trabalho destina-se a estudar casos de tradução inadequada relacionada com questões de contexto, pelo que dispensamos a referência aos múltiplos sentidos de equivalência desenvolvidos desde os anos 60, focando-nos apenas na influência do valor contextual sobre a equivalência na tradução.

Segundo Halliday (2004, p. 27): “(...) research has shown that texts vary systematically according to contextual values: texts vary according to the nature of the contexts they are used in.” Entendemos que esse contexto pode estar relacionado com vários aspetos, nomeadamente semântico, linguístico, pragmático, funcional, comunicativo e cultural, daí que sugerimos a expressão mais abrangente de “equivalência contextual” para a nossa análise desses casos concretos.

A perspectiva de contexto de que necessitamos para sustentar a nossa análise está em linha com as teorias de Halliday (2004, p. 28) que propõe dois níveis de contexto: contexto de cultura e contexto de situação. O contexto de cultura remete para a macroestrutura em que o discurso é produzido e, por isso, permeia a totalidade do texto, desde a língua em que está escrito até às marcas referenciais e intertextuais patentes no texto. O contexto de situação é mais específico e engloba os condicionalismos existentes no tempo, no discurso e no espaço de produção do texto.

O processo de tradução deve ser entendido como um processo de recontextualização, pois o texto e o seu contexto, ao serem submetidos ao processo de tradução interlinguística, implicam recontextualização, isto é, “text and context in translation: translation as re-contextualization”, usando as palavras de House (2006, p. 343). Mais concretamente, a tradução de um texto ou de um excerto de um texto irá, por força do processo, exigir a recontextualização desse mesmo texto, em que haverá, por certo, alteração da língua em que o texto de partida é escrito e poderá haver uma explicação de natureza cultural, para facilitar o entendimento do leitor do texto de chegada. Estas recontextualizações acontecem ao nível do contexto de cultura, conforme exposto por Halliday (2004, 2007).

A recontextualização do contexto de situação, sendo de natureza mais específica e remetendo para indícios discretos do discurso na sua relação com o contexto, é ainda mais interessante para os propósitos deste estudo. Esta recontextualização leva a que haja uma correspondência do contexto de situação entre o texto de partida e o texto de chegada, permitindo atingir uma equivalência contextual, quando alcançada na sua plenitude.

As lacunas que identificamos nas traduções dos nossos alunos, neste estudo, situam-se, essencialmente, nesta recontextualização.

A nosso entender, uma equivalência contextual na tradução permite ao seu público da língua de chegada entender exatamente o propósito da mensagem original no mesmo contexto em que é produzida na língua de partida, pelo que pode ser considerada também uma equivalência funcional.

Cumpre-nos salientar o seguinte facto universalmente existente: Quando as pessoas, incluindo os aprendentes de língua chinesa ou portuguesa, encontram dificuldades na tradução de uma palavra, costumam procurar a solução nos dicionários bilingues, pensando que com a sua proposta de equivalentes entre a língua de partida e a língua de chegada, o dicionário bilingue parece ter uma “atração mágica”. Galisson (1991, p. 26) define essa “atração mágica” como “fazer de conta que uma palavra na língua estrangeira corresponde a uma palavra na língua materna, para que haja sempre uma solução simples ao passar de uma língua para outra.”¹ No entanto, este desejo bonito não se concretiza e muitas traduções inadequadas que constatamos na nossa prática profissional resultam do ato de inserir diretamente na tradução a proposta lexicográfica, sem pensar no seu contexto.

Para Huang (1987, p. 130), “O carácter essencial do dicionário bilingue é a (...) equivalência entre os dois sistemas de signos.”² Trata-se de um tema com longas e

¹ A tradução é nossa.

² A tradução é nossa.

múltiplas abordagens, que excede o âmbito deste trabalho. No entanto, dada a importância dos dicionários bilíngues no apoio à tradução ou comunicação interlingual, a equivalência lexicográfica merece uma referência, apesar de ser ligeira, neste trabalho, relacionado sobretudo com o contexto, linguístico e cultural.

Esperamos que este trabalho possa chamar a atenção tanto dos docentes de chinês e/ou português como dos tradutores principiantes para a questão apresentada.

2. Casos de tradução inadequada

No nosso trabalho profissional, detetamos imensos casos de tradução inadequada, tendo todos os casos citados neste artigo sido recolhidos ao longo de décadas no nosso trabalho profissional, nas aulas, nos exercícios dos alunos ou nos documentos com que tivemos a oportunidade de nos cruzar, envolvendo vários contextos ou domínios.

Entendemos a tradução inadequada como uma tradução meramente literal, muitas vezes palavra por palavra, resultante da tentativa exclusiva de encontrar uma equivalência a nível semântico, ou correspondência formal, ignorando os hábitos linguísticos e/ou os valores culturais da língua de chegada que o contexto revela, sem poder, obviamente, cumprir a sua função na comunicação interlingual.

Não temos absolutamente nada contra a tradução literal nem a tradução palavra por palavra. São métodos utilizados em muitos casos e também por nós. Por exemplo, costumamos fazer a tradução literal ou palavra por palavra a fim de mostrar a equivalência a nível semântico e explicar a estrutura morfológica e/ou sintática, o sentido figurado ou o valor cultural das lexias, expressões ou frases chinesas num determinado contexto:

- (1) a. 产地/chandi (produzir + lugar) local de produção
 b. 产品/chanpin (produzir + objeto) produto; produção
 c. 产物/chanwu (produzir + coisa) produto; fruto; resultado
 d. 产值/chanzhi (produzir + valor) valor de produção
 e. 产量/chanliang (produzir + volume) volume de produção; produção
 f. 高产/gaochan (alto + produzir) alta produção; alto rendimento
- (2) a. 产妇/chanfu (produzir/parir + mulher) parturiente; puérpera
 b. 产科/chanke (produzir/parir + ramo/departamento) obstetrícia; departamento de obstetrícia
 c. 顺产/shunchan (sem dificuldade + produzir/parir) parto natural
- (3) a. 红脸/honglian cara vermelha (tipo de maquilhagem de heróis e pessoas honestas e simpáticas na ópera de Pequim)
 b. 白脸/bailian cara branca (tipo de maquilhagem de intriguistas e pessoas astutas e detestáveis na ópera de Pequim)
 c. 一个唱红脸, 一个唱白脸/Yi ge chang honglian, yi ge chang bailian.

Um canta/faz o papel de *cara vermelha* e o outro, *cara branca*: Um mostra uma atitude simpática e o outro, severa e detestável (na resolução de um conflito); um desempenha o papel de herói e o outro finge ser malfeitor (para resolver um litígio).

- (4) a. 年年有鱼/ nian nian you yu ter peixe (= prosperidade) todos os anos (Obs.: O peixe simboliza a prosperidade na cultura chinesa).
 b. 我也去。 /Wo ye qu. Eu também vou. (Obs.: Em chinês, o advérbio antecede obrigatoriamente o verbo.)

O que desaprovamos perentoriamente é a inserção indiscriminada de uma palavra de tradução literal numa frase sem levar em consideração os valores contextuais envolvidos. Exemplos desse tipo, classificados de tradução inadequada, serão analisados neste trabalho.

Para evitar casos de tradução inadequada, são apresentados e estudados conceitos de estratégias, métodos, técnicas e procedimentos de tradução. No entanto, existe “desacordo” e até “ausência de consenso”, entre os estudiosos, quanto aos nomes utilizados, a nível terminológico ou conceitual, conforme a observação de Molina e Albir (2002, p. 499).

Justificando essa observação, Xiong (2014, pp. 82–88) citou o exemplo de Shuttleworth e Cowie (2004, pp. 44, 59) que consideram estratégias não só “domestication/foreignization”, mas também “free/literal translation”. Adiante, na secção intitulada Adaptação Cultural no Âmbito de Domesticação, vamos explicar com exemplos os conceitos de domesticação e estrangeirização.

Para o mesmo autor, a abordagem desses conceitos também não é clara na China, pelo que sugere:

- a) Duas estratégias: “domestication” e “foreignization”;
- b) Quatro métodos no âmbito de domesticação: “liberal/free translation” (que incluem “paraphrase” e “idiomatic translation”), “imitation”, “variation translation” e “recreation”;
- c) Quatro métodos no âmbito de estrangeirização: “zero translation”, “transliteration”, “word-for-word translation” e “literal translation”;
- d) Cinco técnicas: “addition”, “omission”, “division”, “combination” e “shift”.

Entendemos que as cinco técnicas incluem diversos procedimentos, sobretudo no âmbito do que se designa como “shift”, dos quais se destacam a modulação e a transposição, conceitos tradutológicos propostos por Vinay e Darbelnet (1995, pp. 31, 36):

A modulação representa “uma variação da forma da mensagem, obtida por uma mudança no ponto de vista.”³ Com a modulação, alteramos o ponto de vista.

A transposição consiste em “substituir uma categoria de palavras por outra sem alterar o significado da mensagem.”⁴ Com a transposição, alteramos a categoria das palavras.

³ A tradução é nossa.

⁴ A tradução é nossa.

No mesmo alinhamento de ideias, Molina e Albir (2002, p. 499), explicando Vinay e Darbelnet, completam a apresentação destes conceitos: “Whereas transposition is a shift between grammatical categories, modulation is a shift in cognitive categories.”

Molina e Albir (2002) apresentaram, em forma de resumo, outras técnicas e procedimentos de uso frequente na tradução:

Nida (1964) proposes three types: *additions, subtractions and alterations*. They are used: 1) to adjust the form of the message to the characteristics of the structure of the target language; 2) to produce semantically equivalent structures; 3) to generate appropriate stylistic equivalences; 4) to produce an equivalent communicative effect. (2002, p. 502)

Adaptation. A shift in cultural environment, i.e., to express the message using a different situation. (2002, p. 500)

Alterations. These changes have to be made because of incompatibilities between the two languages. (2002, p. 502)

Entendemos que a “mudança no ambiente cultural” remete para a recontextualização do contexto de situação, referido por House (2006), isto é, durante o processo de tradução para a língua de chegada, os tradutores atribuem um novo contexto a uma palavra ou frase ou integram uma palavra ou frase no novo contexto, conforme cada contexto particular.

Das técnicas e/ou procedimentos conhecidos até agora, a modulação, a transposição, a adição e a omissão são os mais utilizados na prática de tradução entre chinês e português, presentes na grande maioria dos casos analisados neste trabalho. Interessam-nos, também, a adaptação e a alteração, devido ao valor contextual que destacamos neste trabalho.

A seguir, cumpre-nos fazer uma análise sobre alguns casos mais representativos, de uso corrente, que detetamos na nossa prática profissional. Eles são procedentes de vários domínios e estão agrupados por tema para facilitar a nossa análise.

2.1. Casos de tradução inadequada que ignoram hábitos linguísticos

Os casos indicados nesta secção resultam da ignorância dos hábitos linguísticos da língua de chegada, referentes, sobretudo, à escolha da palavra certa no contexto da língua de chegada, tal como indicam Nida e Taber (1969, p. 15):

Since words cover areas of meaning and are not mere points of meaning, and since in different languages the semantic areas of corresponding words are not identical, it is inevitable that the choice of the right word in the receptor language to translate a word in the source-language text depends more on the context than upon a fixed system of verbal consistency, i.e., always translating one word in the source language by a corresponding word in the receptor language.

2.1.1. Grupo 1: Casos com escolha das palavras equivalentes a nível semântico, mas diferentes a nível contextual

Através dos exemplos citados e analisados neste grupo, procuramos explicar como devemos fazer a escolha da palavra/expressão certa na língua de chegada, para que esta seja equivalente no contexto, ainda que diferente da palavra/expressão na língua de partida a nível semântico.

Entendemos que essa escolha reflete também uma recontextualização ou uma alteração para resolver o problema de casos de incompatibilidade entre as duas línguas.

- **Caso 1:**

Na consulta médica, um médico chinês costuma fazer ao paciente a seguinte pergunta:

(5) a. 你哪里不舒服?

Ni nali bu shufu?

Tradução palavra por palavra: Tu/você onde não confortável?

Literalmente: Onde você se sente desconfortável/indisposto?

Na nossa prática de docência, lemos constantemente a tradução literal acima citada ou a tradução semelhante ‘Onde você não está confortável?’, porque o sentido próprio da expressão chinesa 不舒服/*bu shufu* é ‘desconfortável’. No raciocínio chinês, um estado físico desconfortável significa ‘estar indisposto’.

Perante essa tradução, um nativo de português não vai perceber o seu significado, pois nesses casos, um médico português costuma perguntar: *De que se queixa?* ou *O que se passa?*

Do mesmo modo, lemos constantemente a tradução literal em chinês dessa pergunta do médico português:

b. De que se queixa?

Tradução palavra por palavra: 什么 shenme 抱怨/baoyuan?

Literalmente: 你抱怨什么? /Ni baoyuan shenme?

Para uma equivalência a nível semântico:

c. De que se queixa? = 你抱怨什么/Ni baoyuan shenme?

你哪里不舒服? /Ni nali bu shufu? = Onde se sente desconfortável/indisposto?

No entanto, no contexto de uma consulta médica, nenhum médico português pergunta a um paciente *Onde se sente desconfortável?*, nem um médico chinês pergunta 你抱怨什么? /Ni baoyuan shenme?

E neste caso, no âmbito de equivalência contextual, considera-se que as duas frases seguintes possuem uma equivalência funcional na comunicação interlingual:

- d. 你哪里不舒服? / Ni nali bu shufu? = De que se queixa? / O que se passa?

Convém salientar também que nessas traduções, recorre-se à adição e à omissão. O sujeito em português pode ser revelado pela conjugação verbal, o que não acontece com o chinês, devido à ausência da flexão do verbo chinês, motivo pelo qual o sujeito é constantemente adicionado na tradução de português para chinês, para completar a ideia da frase e omitido na tradução de chinês para português, respeitando os hábitos linguísticos portugueses. Este fenómeno é constatado ao longo deste trabalho, dispensando-nos a necessidade de repetir a sua explicação em quase todos os casos.

• **Caso 2:**

Vamos imaginar a seguinte cena:

Estamos a ter aulas. Entra de repente uma pessoa que não tem nada a ver com a nossa aula. Nesse caso, um chinês costuma fazer, entre outras, a seguinte pergunta ao intruso:

- (6) a. 你有什么事?

Ni you shenme shi?

Tradução palavra por palavra: Tu tens/você tem que assunto?

Literalmente para português: Que assunto tem (a tratar)?

(A expressão chinesa 有事/*you shi*, que significa literalmente ‘ter assunto’, implica ter um assunto a tratar.)

Mas um português, nesse caso, costuma perguntar:

- b. O que deseja?

Tradução palavra por palavra: 什么/shenme 希望/xiwang?

Literalmente para chinês: 你希望什么?/Ni (tu ou você) xiwang shenme?

Portanto, a nível semântico:

- c. 你有什么事?

Que assunto tem? ≠ O que deseja?

Contudo, no âmbito da equivalência contextual, para atingir uma equivalência funcional:

- d. 你有什么事?

Que assunto tem? = O que deseja?

Também se recorre à modulação (alteração de ponto de vista) e à transposição (alteração de categoria de palavras) nessas traduções: o verbo *desejar* em português muda para a

expressão *ter assunto* (*a tratar*) em chinês e o pronome substantivo *o que*, para o pronome adjetivo *que/shenme*.

Nesse caso, os chineses também perguntam:

e. 你有事吗？

Ni you shi ma?

Tradução literal: Tem assunto (a tratar)?

你有什么事吗？

Ni you shenme shi ma?

Tradução literal: Tem algum assunto (a tratar)?

E os portugueses também perguntam:

f. Deseja alguma coisa?

Podemos constatar que a modulação existe em todas essas traduções: o verbo *desejar* em português muda sempre para *有事/you shi* (ter assunto a tratar) em chinês.

Verificam-se a modulação e a transposição em quase todos os casos adiante citados, dispensando-nos a necessidade de repetir a sua explicação caso a caso, exceto em situações especiais.

- **Caso 3:**

Numa conversa, um chinês diz:

(7) a. 他们说书买好了。对了，我明天飞中国，你知道吗？

Tamen shuo shu mai hao le. Duile, wo mingtian fei Zhongguo, ni zhidao ma?

Eles disseram que tinham comprado o livro. É verdade, amanhã voo para a China, sabias?

b. 我明天飞中国。对了，我要请你帮个忙。

Wo mingtian fei Zhongguo. Duile, wo yao qing ni bang ge mang.

Amanhã voo para a China. Ah é verdade, preciso de pedir-te uma ajuda.

Amanhã voo para a China. Olha, preciso de pedir-te uma ajuda.

Numa conversa entre chineses, quando nos lembramos, de repente, de algum assunto, costumamos usar a expressão *对了/duile*, cuja tradução literal ‘certo’ (que exprime a concordância com algo) é normalmente adotada pelos alunos. Mas essa equivalência a nível semântico não se aplica a este contexto, pois os portugueses usam sobretudo a expressão (*ah*) *é verdade* e também *olha* ou *olhe*.

Conclusão:

A nível semântico:

c. 对了/certo ≠ é verdade/是真的;是事实 ≠ olhe/请看

Mas no âmbito de equivalência contextual, para atingir uma equivalência funcional e comunicativa:

d. 对了/certo = é verdade/是真的;是事实= olhe/请看

- **Caso 4:**

(8) a. 我住得离单位很近。

Wo zhu de li danwei hen jin.

Literalmente: Moro muito perto da entidade.

Tradução correspondente: Moro muito perto do trabalho.

A palavra chinesa *单位/danwei* significa ‘entidade ou instituição (onde trabalha uma pessoa)’, diferente da palavra portuguesa *trabalho*, a nível semântico. No entanto, as duas unidades lexicais apresentam valores correspondentes neste contexto.

Conclusão:

A nível semântico, temos a seguinte formulação:

b. 单位/entidade ou instituição ≠ trabalho/工作

Mas no âmbito de equivalência contextual, para atingir uma equivalência funcional e comunicativa, obtemos:

c. 单位/entidade ou instituição = trabalho/工作

- **Caso 5:**

Vamos imaginar a seguinte cena:

Num belo dia de sol, entramos no cinema. Mas quando de lá saímos, no fim do filme, deparamo-nos com chuva.

Perante a chuva, um português e um chinês fazem o seu comentário:

(9) a. Português: “Está a chover.”

Chinês: “下雨了/Xia yu le.”

Comparando os verbos *chover* e *下雨/xia yu* nessas duas frases, na frase portuguesa usa-se o presente do indicativo, enquanto na frase chinesa, se usa a partícula *了/le*, que normalmente corresponde ao pretérito perfeito simples do indicativo do português. Porquê?

Porque o português vê o estado atual: a chuva está a cair. Mas o chinês repara na mudança do estado: não estava a chover, mas agora está a chover, e a partícula auxiliar 了/le indica, neste contexto exato, a mudança.

A partícula 了/le é polissémica e pode desempenhar várias funções sintáticas conforme circunstâncias diferentes. Muitos alunos não percebem a sua função exata neste caso, pensando apenas que ela representa um ato do passado, equivalente ao pretérito perfeito simples do indicativo do português, pelo que traduzem literalmente para ‘choveu’, o que está totalmente errado.

Conclusão:

A nível semântico:

b. 下雨了/passou a chover ≠ está a chover

No entanto, neste preciso contexto:

c. 下雨了/passou a chover = está a chover

Nota-se uma forte presença de modulação nestas duas traduções mútuas: alteração do ponto de vista, revelada pela alteração do tempo verbal. Trata-se também de uma recontextualização do contexto de situação.

Casos semelhantes são imensos.

- **Caso 6:**

Vamos ver o seguinte caso:

(10) 我现在去超市，你和我一起去吗？

Wo/eu xianzai/agora qu/ir chaoshi/supermercado, ni/tu he/e wo/eu yiqi/juntos qu/ir ma/(partícula de interrogação)?

Tradução literal: Eu vou agora ao supermercado. Tu vais comigo?

Tradução correspondente: Vou agora ao supermercado. Vens comigo?

Verifica-se que em chinês, o verbo usado na pergunta é *ir*: *Tu vais comigo?* Mas em português, o verbo na pergunta é *vir*: *Vens comigo?*

Esta diferença explica-se pelo facto de em chinês se destacar o mesmo destino para os dois interlocutores: Vamos ‘eu’ e ‘tu’ ao supermercado. No entanto, na língua portuguesa, coloca-se a questão ‘vens juntar-te a mim para irmos juntos?’

Neste contexto, o verbo *ir* é substituído pelo verbo *vir* na tradução de chinês para português.

A tradução literal, frequentemente adotada pelos alunos, revela-se inadequada neste contexto.

Nota-se uma visível utilização simultânea de modulação, transposição, adição ou omissão, nesta dupla de frases mutuamente traduzidas.

2.1.2. Grupo 2: Casos de escolha das palavras/expressões erradas perante a polissemia

Convém chamar a atenção para o fenómeno de polissemia na tradução. Polissemia, tal como o próprio nome indica, significa que uma mesma palavra ou locução pode ter vários significados, utilizados em contextos diferentes. Em outros termos, o sentido concreto de uma palavra é revelado apenas pelo contexto. Já fomos abordados por um aluno chinês a perguntar o que significava a lexia *cabo*. Antes de lhe responder, perguntamos: “Em que contexto leste essa palavra cabo? Cabo da Roca? Cabo de uma faca? Cabo elétrico? Cabo para amarrar uma coisa? Cabo na tropa?...”

Podemos afirmar que a compreensão correta de uma palavra polissémica em questão na língua de partida, assim como a escolha do seu equivalente na língua de chegada constituem uma grande dificuldade para os aprendentes de línguas e até para os tradutores. Nas aulas de tradução, ouvimos durante vários anos seguidos, de turmas diferentes, a tradução de Ministério dos Negócios Estrangeiros (外交部/Waijiaobu em chinês) para 外贸部/Waimaobu, isto é, Ministério do Comércio Exterior, pois ignoravam que a lexia portuguesa *negócio* pode significar ‘assunto’, para além de ‘transação comercial’.

Por isso, na tradução, devemos conhecer bem os sentidos das palavras, incluindo o sentido próprio e o sentido figurado, tanto da língua de partida como da língua de chegada, para podermos escolher uma palavra certa para o contexto envolvido.

- **Caso 7:**

Um chinês diz:

(11) 我住在里斯本，但我每月都去波尔图出差，在那里住几天。

Wo/eu **zhu/morar** zai/em Lisiben/Lisboa, dan/mas wo/eu mei/cada yue/mês dou/sempe qu/ir Bo’ertu/Porto chuchai/viajar de serviço, zai/em nali/ali **zhu/morar ou ficar alojado** ji/alguns tian/dias.

Tradução literal: **Moro** em Lisboa, mas todos os meses vou ao Porto de serviço e **moro** lá alguns dias.

Tradução correspondente: **Moro** em Lisboa, mas todos os meses vou ao Porto de serviço e **fico** lá alguns dias.

Podemos reparar que na frase chinesa é usado o mesmo verbo para significar ‘morar’ e ‘ficar (alojado)’, pois para os chineses, sempre que passamos a noite num lugar, o verbo utilizado é 住/*zhu*. Os chineses até dizem 住医院/*zhu yiyuan* (ficar hospitalizado), 在旅馆住一晚/*zai liuguan zhu yi wan* (ficar uma noite no hotel).

É quase impossível que as lexias de línguas diferentes tenham as mesmas significações polissémicas. Nesse caso, a polissemia de 住/*zhu*, chinês, é expressa por dois verbos em português, *morar* e *ficar* (no sentido de pernoitar).

Um nativo de língua portuguesa, ao fazer a tradução de chinês para português, nunca diz ‘morar no hospital’, por conhecer o próprio hábito linguístico, mas muitos nativos de chinês, por não repararem na polissemia do verbo 住/*zhu* da sua língua materna, para além de desconhecerem os hábitos linguísticos em português, traduzem o verbo 住/*zhu*, em todos os casos, para o verbo morar em português, pelo que não é de admirar lermos constantemente traduções como ‘morar no hospital’.

Vice-versa, um nativo de português pode traduzir *ficar hospitalizado* para 在医院/*zai yiyuan* (estar/ficar no hospital) por desconhecer os hábitos linguísticos de chinês.

- **Caso 8:**

Este caso é idêntico ao Caso 7.

Estamos constantemente a ler traduções dos alunos como, por exemplo: ‘Este **lugar** não percebo’ ou ‘Este **lugar** está errado’.

É que a palavra 地方/*difang* é polissémica em chinês. Corresponde principalmente a ‘lugar’ português: 这个地方好/*zhe ge difang hao* (este lugar é bom), 我们找个地方休息一下/*women zhao ge difang xiuxi yixia* (vamos arranjar um lugar para descansarmos). Mas também significa ‘parte’, quando a segunda sílaba é átona: 这个地方我不懂/*zhe ge difang wo bu dong* (esta parte não percebo) ou 这个地方错了/*zhe ge difang cuo le* (esta parte está errada).

Quando não se percebe a polissemia desta lexia 地方/*difang*, costuma-se traduzir para ‘lugar’ em português, uma tradução com sentido desviado, sem respeitar o hábito linguístico português.

- **Caso 9:**

No manual de chinês encontramos a seguinte frase:

(12) a. 明末清初，在中国出现了资本主义的萌芽。

Ming mo Qing chu, zai Zhongguo chuxian le ziben zhuyi de mengya.

Tradução literal: Em finais da dinastia Ming e princípios da dinastia Qing, surgiu na China o **rebento** do capitalismo.

Muitos alunos apresentaram a tradução acima citada.

No entanto, estudando melhor o caso, podemos afirmar que o uso de *rebento* nesta tradução não é adequado, pois, apesar de ser a forma equivalente de 萌芽/*mengya*, a nível semântico, deve ser substituído, neste contexto, pela palavra *embrião*.

Em chinês, neste contexto, a palavra *rebento* significa no seu sentido figurado 比喻新生的未长成的事物/*biyu xinsheng de wei zhang cheng de shiwu*, isto é,

“metaforicamente objeto novo, ainda sem a forma definida⁵”. (Instituto de Investigação de Línguas da Academia das Ciências Sociais da China 2016, p. 893)

Conforme o Dicionário Priberam:

re•ben•to

1. Início do desenvolvimento de planta, ramo, folha ou flor. = BOTÃO, BROTO, GEMA, RENOVO
2. [Figurado] Filho.
3. Produto; fruto.

em•bri•ão

1. Germe fecundado nos animais e em princípio de desenvolvimento.
2. Germe da planta (contido na semente).
3. [Figurado] Princípio informe ou ainda mal esboçado.

Podemos constatar que a unidade lexical *rebento* não tem sentido figurado correspondente ao sentido figurado da lexia chinesa, mas *embrião* sim. Por isso, sugerimos a seguinte tradução: *Em finais da dinastia Ming e princípios da dinastia Qing, surgiu na China o embrião do capitalismo.*

Do mesmo modo, quando traduzimos a palavra *embrião* para chinês, no seu sentido figurado, temos que escolher a palavra correspondente 萌芽/*mengya* (rebento), em vez de 胚胎/*peitai* (embrião).

Conclusão:

A nível semântico:

b.

萌芽/*mengya* (rebento) ≠ embrião (胚胎/*peitai*)

Contudo, no âmbito de equivalência contextual, nomeadamente no seu sentido figurado, como metáfora:

c.

萌芽/*mengya* (rebento) = embrião (胚胎/*peitai*)

2.1.3. Grupo 3: Casos de tradução de terminologia ou tradução técnica

Neste grupo apresentamos dois casos, relacionados com terminologia, fraseologia especializada e tradução técnica, revelando uma equivalência e adaptação, de acordo com uma perspetiva funcional (*skopos*) da tradução orientada para o público-alvo e objetivo do texto de chegada.

A tradução funcionalista ou a teoria de *skopos* surgiu na década de 70, sendo os seus autores principais Nord, Vermeer e Reiss. Segundo esta escola teórica, a finalidade do texto é o elemento dominante do processo de tradução e é o que determina as

⁵ A tradução é nossa.

estratégias e as metodologias escolhidas pelo tradutor. Não há garantia absoluta de que os textos de partida e de chegada tenham exatamente o mesmo propósito, principalmente por causa das diferenças possíveis nas culturas para as quais são escritos. No entanto, todos os textos de partida são escritos com um determinado propósito, e a sua tradução deve servir, em princípio, o mesmo propósito junto dos leitores do texto de chegada. (Nord 1997)

Os casos seguintes apresentam uma tradução enquadrada nesta teoria de *skopos*.

- **Caso 10:**

Na China, tanto no Código da Estrada como nas cartas de condução, podemos ler a categoria de 小汽车/*xiaojiche*, que significa literalmente ‘automóvel pequeno’.

E temos constatado muitas traduções de 小汽车/*xiaojiche* para ‘carro pequeno’ e até para ‘minicarro’. Quando os chineses vão ao Instituto da Mobilidade e dos Transportes (IMT) pedir a troca da carta de condução chinesa pela carta de condução portuguesa, acompanhados dessa tradução, os funcionários do IMT costumam perguntar “Que categoria é esta?” e mandam refazer a tradução, pois no Código da Estrada de Portugal, a categoria correspondente é a de automóveis ligeiros.

Obviamente, neste contexto, a palavra chinesa 小汽车/*xiaojiche* deve passar para a expressão portuguesa ‘automóveis ligeiros’.

- **Caso 11:**

Um dia, um aluno português disse à primeira autora deste trabalho: “Comi num restaurante chinês um prato que se chama alga salteada com miolo de camarão. É muito bom! A professora pode escrever o nome em chinês para eu treinar o pedido em chinês?” Ela escreveu então num papel “海带/*haidai*(alga)炒/*chao*(saltar)虾仁/*xiaren*(miolo de camarão)”.

Dias depois, o aluno voltou e disse: “Professora, os chineses do restaurante não perceberam o que a professora escreveu.” “Não acredito. Traduzi fielmente o nome do prato para chinês.”

Para averiguar o caso, foram os dois ao tal restaurante e pediram em português ‘alga salteada com miolo de camarão’. Quando chegou o prato, foi descoberto que não se tratava nada de alga, mas sim ‘orelha preta de madeira’, um fungo que cresce na madeira, designado 黑木耳/*heimu'er* em chinês, e ‘orelha de rato’ pelos macaenses pela semelhança. Aproveitamos para fornecer a seguinte informação: Em Macau existem três comunidades, sendo elas a comunidade chinesa, a comunidade portuguesa e a comunidade macaense. A última é referente aos descendentes luso-asiáticos que, por conhecerem a cultura portuguesa e a cultura chinesa, conseguem criar nomes portugueses para muitos produtos tipicamente chineses, sem existir uma tradução para inglês ou outras línguas ocidentais.

E descobrimos assim que todos os restaurantes chineses traduziram para ‘alga’ esse produto que é um ingrediente importante e indispensável de muitos pratos chineses. Os

restaurantes não quiseram usar as unidades lexicais como ‘orelha de rato’ nem ‘orelha preta de madeira’ para não assustar os clientes, pelo que mudaram simplesmente esses conceitos para o conceito de alga.

Se estudarmos bem os menus dos restaurantes chineses, teremos imensos casos semelhantes, por causa da necessidade do público-alvo.

2.2. Casos de tradução inadequada que ignoram valores culturais

O relacionamento entre a língua e a cultura representa um tema de investigação antigo, mas constantemente renovado. Acompanhando o avanço da sociedade, sobretudo no mundo de hoje, perante uma globalização cada vez mais intensa, a questão da cultura é cada vez mais valorizada no ensino de línguas destinado à comunicação interlingual e, naturalmente, na tradução, revestindo-se de uma importância cada vez maior. Nota-se, hoje em dia, que a expressão *comunicação interlingual* é cada vez mais substituída pela expressão *comunicação intercultural*, pois é de senso comum que a compreensão de uma língua estrangeira não consiste apenas na descodificação linguística, mas também na compreensão de aspetos extralinguísticos ou valores culturais.

Neste contexto, formou-se a escola de tradução cultural a partir dos anos 70 do século XX tendo ganho uma influência cada vez maior. Entendemos que a tradução cultural se refere aos estudos e à prática de tradução no contexto intercultural, tal como defendem Bassnett e Lefevere, dois dos defensores da tradução cultural. Eles apresentaram o conceito de *cultural turn* na tradução, o que pode ser lido no Índice do livro *Translation, History, and Culture* (Bassnett & Lefevere 1990/1995):

Introduction: Proust's grandmother and The thousand and one nights: the “cultural turn” in translation studies.

Mais tarde, no seu livro de 1998, no capítulo 8 intitulado *The Translation Turn in Cultural Studies*, Bassnett voltou a referir o que tinham dito em 1990:

The object of study has been redefined; what is studied is the text embedded within its network of both source and target cultural signs and in this way Translation Studies has been able both to utilize the linguistic approach and to move out beyond it. (Bassnett & Lefevere 1998, p. 123)

Neste trabalho, abordamos sobretudo a questão de *lexicultura* na tradução. Este conceito foi proposto por Robert Galisson nos anos 80. Conforme este autor (1984, pp. 57–58), a língua é impregnada de cultura, mas esta não se apresenta de forma homogênea, porque as palavras, por exemplo, são lugares privilegiados de penetração cultural, onde certas formas de cultura se fixam prioritariamente; mais concretamente, as palavras são elementos privilegiados da cultura e é impossível suprimir a dimensão cultural da linguagem sem convertê-la numa série de signos castrados, que o nativo já não reconhece como seus.

Muitos casos de tradução inadequada ou errada que detetamos no nosso trabalho profissional resultam da ignorância dos valores culturais, nomeadamente ao nível das

lexias, por parte dos tradutores/alunos. É preciso fazer uma recontextualização ou uma adaptação cultural conforme o contexto para atingir a equivalência cultural e funcional na comunicação. Os tradutores não podem ignorar a sua tarefa de recontextualizar o texto original e entendemos que essa recontextualização ou adaptação cultural é feita sobretudo no âmbito da estratégia de domesticação, orientada para o público-alvo.

2.2.1. Grupo 4: Erros no domínio cultural mais graves do que erros gramaticais

Línguas diferentes representam culturas diferentes e a ignorância da lexicultura de uma língua estrangeira pode provocar conflitos graves entre comunidades de línguas diferentes. Quando uma pessoa comete erros gramaticais, os outros comentam que ela não fala bem a língua, mas quando comete erros no domínio cultural, pode ser considerada uma pessoa grosseira, antipática ou hostil, o que comprova que os erros no domínio cultural são muito mais graves do que os gramaticais.

- **Caso 12:**

Em relação aos *ovos moles* de Aveiro, vimos imensos casos de tradução literal para 软蛋 /*ruandan*, até no Google Translate.

Mas em chinês, 软蛋/*ruandan* significa ‘homem banana’. Num artigo seu, (Wang 2018), já publicado, a primeira autora deste trabalho analisou pormenorizadamente os casos concretos em que é utilizada a expressão chinesa 软蛋/*ruandan*, motivo pelo qual sugeriu a tradução de ovos moles para 软心蛋/*ruanxindan* (literalmente ovo com coração mole), pois é normalmente coberto de uma hóstia que parece uma casca e dentro da casca é mole.

- **Caso 13:**

Fomos a um restaurante chinês com alguns amigos. Enquanto cavaqueávamos com o patrão, uma amiga portuguesa chamou-nos atenção para o menu:

(13)

粉丝牛肉砂锅

Fensi niurou shaguo

Vaca com fãs na caçarola

Cow with fans in the casserole

粉丝鸡肉砂锅

Fensi jirou shaguo

Frango com fãs na caçarola

Chicken with fans in the casserole

粉丝排骨砂锅

Fensi paigu shaguo

Entrecosto com fãs na caçarola
Dinner with fans in the casserole

粉丝虾砂锅

Fensi xia shaguo
Gambas com fãs na caçarola
Prawns with fans in the casserole

A amiga, assustada, perguntou: “Que pratos são estes? A cozer pessoas?” Comparando a tradução com o seu nome original em chinês, acabamos por perceber que a tradução para português e inglês, assustadora e absurda, resultou da mera ignorância cultural.

Na China, os fãs (*fans* em inglês) de um jogador, de uma estrela de cinema, ou de uma figura pública são tratados de 粉丝/*fensi*, pelo facto de as duas palavras serem foneticamente parecidas, fãs/*fans* e 粉丝/*fensi*.

Mas a palavra 粉丝/*fensi*, em si, é o nome de uma massa fina chinesa, correspondente a ‘aletria de amido’ em português e a *vermicelli* em italiano.

O tradutor, ignorando este fenómeno cultural, estabeleceu uma equivalência direta entre fãs/*fans* e 粉丝/*fensi* (massa fina), produto esse que não tem nada a ver com os fãs/*fans* em línguas ocidentais.

Tendo alertado o patrão do restaurante para esse erro na tradução, perguntamos-lhe com curiosidade: “Alguém *laowai* já pediu um desses pratos?”

“Estou a ver, realmente, até agora, nenhum *laowai* pediu um desses pratos.” Foram as palavras do patrão.

A palavra chinesa *laowai* (*lao*/velho + *wai*/estrangeiro) funciona como uma forma de tratamento informal e simpático aos estrangeiros, sendo, aliás, um neologismo dos anos 80. Tal como vai ser explicado no Caso 16, o adjetivo chinês 老/*lao* (velho) pode mostrar o respeito nas formas de tratamento.

Perante este menu em português e inglês incompreensível, que dá impressão de ‘cozer’ pessoas, nenhum ocidental ousa pedir os respetivos pratos, exceto os chineses, pois o que aparece no menu em chinês é o nome correto do ingrediente. Daí que se entende a resposta do patrão, bem justificada.

2.2.2. Grupo 5: Adaptação cultural no âmbito de domesticação

Os conceitos de domesticação e estrangeirização foram divulgados por Venuti (1995, pp. 19–20) nas seguintes palavras:

In an 1813 lecture on the different methods of translation, Schleiermacher argued that “there are only two. Either the translator leaves the author in peace, as much as possible, and moves the reader towards him; or he leaves the reader in peace, as much as possible, and moves the author towards him” (Lefevere 1977, p. 74). Admitting (with qualifications like “as much as possible”) that translation can never be completely adequate to the foreign text, Schleiermacher allowed the translator to choose between a domesticating method, an

ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing method, an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad.

No nosso entender, a domesticação valoriza o público-alvo e recorre aos hábitos linguísticos da língua de chegada para transmitir o conteúdo cultural do texto na língua de partida, enquanto a estrangeirização faz o público aproximar-se do autor, tentando manter as expressões e a cultura da língua de partida.

Por exemplo, lemos no *Diário de Notícias* (Lusa 2015) online o seguinte título em português: “As lojas de *recuerdos* nascem como cogumelos no Porto”.

A expressão idiomática portuguesa *nascer como cogumelos* significa ‘aparecer com rapidez e em grandes quantidades’. Por acaso, em chinês existe uma expressão que exprime a mesma ideia, *如雨后春笋般出现/ru yu hou chunsun ban chuxian*, isto é, ‘nascer como brotos de bambu após a chuva primaveril’. Bambu é uma planta tipicamente chinesa, cujos brotos nascem com rapidez e em grandes quantidades na primavera depois da chuva, em contraste com os cogumelos, mais conhecidos no ambiente português, o que mostra claramente a identidade cultural das duas expressões em questão.

Em relação à tradução desse título para chinês, será domesticação se usarmos a expressão chinesa e estrangeirização se mantivermos a expressão portuguesa:

(14) a. 波尔图的纪念品商店如雨后春笋般出现。

As lojas de “recuerdos” nascem como brotos de bambu após a chuva primaveril no Porto. (Domesticação)

b. 波尔图的纪念品商店如雨后蘑菇般出现。

As lojas de “recuerdos” nascem como cogumelos **após a chuva** no Porto. (Estrangeirização com adaptação cultural ou recontextualização através de adição de *após a chuva*, para que os chineses percebam melhor a ideia, fazendo logo à primeira vista uma equivalência contextual e funcional entre *rebentos de bambu após a chuva* e *cogumelos após a chuva*, para além de respeitar a musicalidade da língua chinesa.)

Da mesma maneira, se se tratar de uma frase original em chinês, a tradução portuguesa será orientada pela domesticação e pela estrangeirização de maneira contrária:

c. 北京的纪念品商店如雨后春笋般出现。

As lojas de “lembranças” nascem como brotos de bambu após a chuva primaveril em Pequim. (Estrangeirização)

As lojas de “lembranças” nascem como cogumelos em Pequim. (Domesticação)

Para casos relativos à vida quotidiana, defendemos a estratégia de domesticação.

- **Caso 14:**

Tanto na China como em Portugal, quando saímos de uma casa comercial, normalmente um empregado despede-se de nós convidando o nosso regresso:

- (15) a. Em chinês: 欢迎下次再来/Huanying xia ci zai lai!
 欢迎再次光临/Huanying zai ci guanglin!
 Literalmente: Seja bem-vindo na próxima vez!
- b. Em português: Volte sempre!
 Literalmente: 请一直来/Qing yizhi lai !

Em chinês o convite é mais moderado, pedindo que volte mais uma vez, enquanto em português é mais forte, pedindo que volte sempre.

A tradução literal da frase chinesa para português não choca o cliente, mas a tradução literal de português para chinês, sim, pois não é hábito cultural chinês apresentar ao cliente um pedido forte.

Para além do mais, o hábito linguístico chinês também não permite a tradução literal acima referida. Mesmo exprimindo um convite mais forte, temos que dizer 欢迎多多光临/Huanying duoduo guanglin, literalmente, ‘Seja bem-vindo em muitas vezes’, equivalente a *Seja sempre bem-vindo* ou *Volte sempre*.

Pela razão acima referida, neste contexto, convém traduzir *Volte sempre* para 欢迎下次再来/Seja bem-vindo na próxima vez, 欢迎再次光临/Seja bem-vindo na próxima vez ou 欢迎多多光临/Seja sempre bem-vindo, formas consagradas pelo uso do povo, sendo as primeiras duas mais tradicionais do que a terceira.

Para além da adaptação cultural, nota-se a presença de modulação, transposição, adição e omissão nas traduções mútuas.

- **Caso 15:**

- (16) a. 师傅，您去北京大学吗?
 Shifu, nin qu Beijing Daxue ma?
 Literalmente: Mestre, o senhor vai para a Universidade de Beijing/Pequim?

Na China, uma pessoa costuma fazer essa pergunta a um taxista, para saber se ele pode levar para aquele destino, sendo 师傅/shifu (mestre) uma forma de tratamento respeitoso ao taxista, também a um electricista, carpinteiro, jardineiro, entre outros trabalhadores que exercem este tipo de profissões.

Nestes contextos, o termo correspondente em português oral é *chefe*:

b. 师傅，您可以看看这个电脑出了什么问题吗？

Shifu, nin keyi kan kan zhe ge diannaoc chu le shenme wenti ma ?

Chefe, pode ver qual é o problema deste computador?

Naturalmente, se não quisermos ou não soubermos traduzir 师傅/shifu para *chefe*, poderemos sempre traduzir para ‘senhor’, sem errarmos.

- **Caso 16:**

(17) 老先生，您贵姓？

Lao xiansheng, nin gui xing?

Tradução literal que os alunos costumam fazer: Senhor velho, qual é o seu apelido?

Em chinês, o adjetivo 老/lao (velho) representa respeito quando é usado para tratar pessoas idosas, ou pessoas com idade superior a 40/50 anos, ou pessoas jovens que assumem certo cargo importante, o que não se verifica em português. Por isso, nesse contexto, a tradução correspondente deve ser “Caro senhor, qual é o seu apelido?”, ou simplesmente, “Senhor, qual é o seu apelido?”

As crianças chinesas tratam os avós por 爷爷/yeye (avô paterno) e 奶奶/nainai (avó paterna) e usam 老爷爷/lao yeye e 老奶奶/lao nainai para falar com pessoas idosas desconhecidas.

Até no tratamento aos estrangeiros, os chineses utilizam, hoje em dia, a expressão 老外/laowai (vd. Caso 13), que reflete tanto o respeito como a intimidade da parte chinesa com um estrangeiro, tal como um chinês a tratar um colega ou amigo por lao + apelido (老王/Lao Wang, 老马/Lao Ma, entre outros). Por isso, na sua tradução para português, esse adjetivo 老/lao (velho) não pode ser traduzido, de modo algum, para ‘velho’ ou ‘idoso’.

2.2.3. Grupo 6: Adaptação cultural relacionada com metáforas, no âmbito de domesticação e estrangeirização

As metáforas são etiquetas culturais próprias de uma língua, as quais devem e podem ser mantidas na tradução através da adaptação cultural, o que será comprovado também pelos casos que se seguem.

Na tradução das metáforas, defendemos a combinação de domesticação e estrangeirização.

- **Caso 17:**

(18) 这个地方好美啊！青山绿水！

Zhe ge difang hao mei a! Qian shan lü shui!

Que lindo é este lugar! Montanhas verdejantes e águas verdes!

A expressão poética 青山绿水/*qing shan lü shui*, literalmente ‘montanhas verdejantes e águas verdes’ e a sua forma variante 绿水青山/*lü shui qing shan*, ‘águas verdes e montanhas verdejantes’, servem para descrever paisagens naturais bonitas, de montanhas cobertas de árvores verdes acompanhadas de correntes, fontes ou lagos de águas cristalinas que adquirem a tonalidade verde pela vasta dimensão e profundidade, e supostamente refletem também a cor verde das montanhas.

Ao lerem esta tradução, os portugueses costumam perguntar: “Águas verdes não são águas poluídas e sujas?”

Uma expressão tão poética em chinês tornou-se desagradável aos olhos portugueses, devido a culturas diferentes.

Por isso, para apresentar uma equivalência contextual, a tradução correspondente deve ser: *Que lindo é este lugar! Montanhas verdejantes com águas cristalinas!*

Verifica-se neste caso o registo poético e metafórico no texto de língua de partida, que deverá ser mantido na sua tradução para a língua de chegada, no âmbito de adaptação cultural, combinando a domesticação e a estrangeirização.

A domesticação é alcançada através da alteração de ‘águas verdes para águas cristalinas’, no uso de modulação e a estrangeirização é revelada pelo manter do registo poético e metafórico original.

Cada língua transporta a sua própria poética ou natureza poética, que deve ser passada, através da tradução, para o público-alvo da língua de chegada.

• **Caso 18:**

A língua chinesa é rica em metáforas, o que deve ser considerado na tradução. Mesmo na tradução/equivalência lexicográfica, o valor metafórico ou cultural não deve ser desprezado. Vamos comparar um grupo de exemplos.

(19) a. 白衣战士 combatiente de bata branca; trabajador médico

Nuevo Diccionario Chino-Español (Sun 1999, p. 16)

b. 白衣战士 warrior in white; medical worker

A Modern Chinese-English Dictionary (Editorial Division 2001, p. 16)

c. 白衣战士 combatente de bata branca (contra a doença); pessoal médico

Dicionário Conciso Chinês-Português (Wang & Lu 1997, p. 12)

Os chineses comparam os médicos e os enfermeiros aos soldados, que combatem a doença. Como autores do *Dicionário Conciso Chinês-Português*, que ganhou em 1998 o 2º Prémio da Seleção de Livros Excelentes da Cidade de Shanghai (11/1995-10/1997) e, em 1999, o 2º Prémio da 3ª Edição do Prémio Lexicográfico Nacional, fizemos inicialmente uma tradução semelhante à do espanhol e do inglês, mas alguns amigos portugueses, que nos ajudaram a tirar dúvidas em português, não conseguiam entender. Seriam soldados com camuflagem branca nos dias de neve? Esta expressão tão conhecida na China, recorrendo a uma metáfora tão clara para os chineses, é incompreensível e enigmática aos olhos dos portugueses. (E pode acontecer o mesmo aos nativos do inglês

ou do espanhol.) Por isso, para uma maior clareza, não só do sentido lexical, mas também da mentalidade chinesa, mudamos a equivalência para a forma atual, destacando o valor metafórico utilizando os parênteses.

Recorre-se, neste caso, ao procedimento técnico de acréscimo, explicitação ou explicação para alcançar uma equivalência contextual.

3. Conclusão

Na tradução entre duas línguas, nomeadamente entre o chinês e o português, abordada neste trabalho, os valores não semânticos, por exemplo, de hábitos linguísticos e culturais, que o contexto atribui às unidades lexicais ou às frases, merecem ser valorizados, pois, para o efeito funcional ou para uma comunicação eficaz entre as duas línguas e duas culturas, a equivalência contextual prevalece sobre a equivalência meramente semântica, refletida na tradução palavra por palavra.

Mas isso não significa, de modo algum, uma oposição ou um afastamento entre as duas. Na prática de tradução, não estamos a traduzir as palavras ao pé da letra, ou seja, não estamos a estabelecer a equivalência literal, superficial e formal, apenas a nível de palavras isoladas do contexto, mas sim a equivalência real de significados no âmbito do contexto, ou a recontextualização de uma situação concreta. Nesse sentido, no Caso 5, *Está a chover* em português significa exatamente 下雨了/*Xia yu le* em chinês, pelo que a nível frásico, as duas frases revelam ideias idênticas, sendo estabelecida uma relação de equivalência contextual, a nível de significado, propósito e função, entre as duas línguas. Se esses valores da língua de partida não são passados para a língua de chegada, através do processo de recontextualização, não se pode dizer que seja uma tradução.

No ensino de línguas, cumpre aos docentes esclarecer os seus discentes sobre como fazer a tradução levando em conta os valores contextuais, ou além-semânticos, com a ajuda de diversas estratégias, métodos, técnicas e procedimentos. E na prática de tradução, esses valores e procedimentos também devem ser contemplados, sobretudo pelos jovens que tencionam ou começam a enveredar pelo caminho de tradução entre chinês e português. Chamamos a atenção para a necessidade de pensar bem no contexto, sem fazer apenas uma tradução literal, o que constitui precisamente a mensagem que queremos passar com este trabalho.

Agradecimentos: Os autores deste artigo estão francamente agradecidos à Prof. Doutora Teresa Roberto da Universidade de Aveiro pela leitura crítica e aos revisores anónimos da *Diacrítica* pelos comentários que visaram melhorar o trabalho.

Referências

- Bassnett, S., & Lefevere, A. (Eds.) (1995). *Translation, history, and culture* (pocket book edition). London; New York: Cassel. Disponível em <https://iucat.iu.edu/iuk/8633679> (original publicado em 1990)
- Bassnett, S., & Lefevere, A. (1998). *Constructing cultures: Essays on literary translation*. Bristol, UK: Multilingual Matters, Ltd.

- Instituto de Investigação de Línguas da Academia das Ciências Sociais da China (2016). *Dicionário da Língua Chinesa Moderna* (7ª edição). Beijing: The Commercial Press.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. (s.d.). Disponível em <https://dicionario.priberam.org/>
- Editorial Division (2001). *A Modern Chinese-English Dictionary*. Beijing: Foreign Language Teaching and Research Press.
- Galisson, R. (1984). Pour un dictionnaire des mots de la culture populaire. *Le Français dans le Monde*, 188, 57–58.
- Galisson, R. (1991). *De la langue à la culture par les mots*. Paris: Clé International.
- Halliday, M. (2004). *An introduction to functional grammar*. London: Arnold.
- Halliday, M. (2007). Differences between spoken and written language: Some implications for literacy teaching. In J. Webster (Ed.), *Language and Education* (vol. 9) (pp. 63–80). London: Continuum.
- House, J. (2006). Text and context in translation. *Journal of Pragmatics*, 38(3), 323–337. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2005.06.021>
- Huang, J. (1987). *Sobre o Dicionário*. Shanghai: Editora Lexicográfica de Shanghai.
- Lusa (2015, agosto 09). As lojas de “recuerdos” nascem como cogumelos no Porto. *Diário de Notícias*. Disponível em <https://www.dn.pt/portugal/lojas-de-recuerdos-nascem-como-cogumelos-no-porto-4721882.html>.
- Molina, L., & Albir, A. H. (2002). Translation techniques revisited: A dynamic and functionalist approach. *Meta*, 47(4), 498–512. <https://doi.org/10.7202/008033ar>
- Nida, E. A., & Taber, C. R. (1969). *The theory and practice of translation*. Leiden: E.J. Brill.
- Nord, C. (1997). *Translating as a purposeful activity: Functionalist approaches explained*, Manchester: St. Jerome Publishing.
- Pontes, V. O., & Francis, M. (2014). A noção de equivalência para os estudos da tradução, lexicografia e sociolinguística variacionista. *Cadernos de Tradução*, 34, 229–247. <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2014v2n34p229>
- Shuttleworth, M., & Cowie, M. (2004). *Dictionary of translation studies*. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press.
- Sun, Y. (1999). *Nuevo diccionario Chino-Español*. Beijing: The Commercial Press.
- Venuti, L. (1995). *The translator's invisibility*. London & New York: Routledge.
- Vinay, J. P., & Darbelnet, J. (1995). *Comparative stylistics of French and English: A methodology for translation* (J. Sager & M-J. Hamel, Trans). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing. (original publicado em 1958)
- Waard, J. D., & Nida, E. A. (1986). *From one language to another functional equivalence in Bible translation*. Tennessee: Thomas Nelson Inc.
- Wang, S., & Lu, Y. (1997). *Dicionário conciso Chinês-Português*. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press.
- Wang, S. (2018). A questão da cultura no ensino de chinês a portugueses. In L. Barbeiro et al. (Eds.), *Entre línguas e culturas. Pontes Europa/China* (Atas da III Conferência Internacional Pontes Europa-China) (pp. 331–348). Leiria: Instituto Politécnico de Leiria.
- Xiong, B. (2014). Confusão de conceitos nos estudos de tradução – Exemplos de estratégias, métodos e técnicas. *Chinese Translators Journal*, 2014(3), 82–88.

[recebido em 28 de fevereiro de 2020 e aceite para publicação em 01 de novembro de 2020]